

Tradução



O lugar de Helmuth Plessner na história das idéias filosóficas: apresentação à tradução de “O problema da monstruosidade”

Sérgio da Mata*

O filósofo e sociólogo alemão Helmuth Plessner nasceu em 1892 em Wiesbaden, e inicialmente estudou medicina e zoologia na Universidade de Heidelberg, onde foi aluno de Hans Driesch. Em 1913, sob o impacto da publicação das *Idéias para uma fenomenologia pura*, aproxima-se de Edmund Husserl, àquela época trabalhando ainda em Göttingen. Sem se sentir capaz de concretizar a proposta de dissertação feita a Husserl, Plessner segue então para Erlangen, onde faz o doutorado com Paul Hensel, um discípulo de Wilhelm Windelband. Sua livre-docência foi obtida em Colônia, com Driesch, que para lá se transferira.

Data deste período seu curto e brilhante ensaio *Die Grenzen der Gemeinschaft. Eine Kritik des sozialen Radikalismus* (“Os limites da comunidade. Uma crítica do radicalismo social”). O ano era 1924, e a República de Weimar era sufocada pelos radicalismos de direita e esquerda, ambos, porém, fortemente marcados pelo mesmo ideal comunitarista romântico. É nesse contexto que Plessner produz seu ensaio, hoje tido como um dos clássicos da sociologia alemã.

Em 1928, Plessner publica aquela que é considerada sua obra mais importante: *Die Stufen des Organischen und der Mensch* (“Os níveis do orgânico e o homem”), onde desenvolve seu conceito-chave de posicionalidade excêntrica. Entre 1926 a 1934, trabalha como *Privatdozent* na Universidade de Colônia. Com a ascensão do nacional-socialismo, é obrigado a abandonar o posto devido à sua origem judaica – não obstante sua família ser convertida ao cristianismo. Depois de uma breve passagem por Istambul, é convidado por Frederik J. Buytendijk para lecionar na Universidade de Groningen, na Holanda. Em 1935, vem a lume um dos seus livros mais influentes: *Die verspätete Nation* (“A nação atrasada”). Em 1941, publica *Lachen und Weinen. Eine Untersuchung der Grenzen menschlichen Verhaltens* (“O riso e o choro. Uma investigação sobre os limites do comportamento humano”), já traduzido para o inglês, francês, espanhol e italiano.

Em 1943, com a ocupação da Holanda pelas tropas de Hitler, mais uma vez é destituído de seu posto universitário. Plessner passa a viver na clandestinidade, e por pouco não é preso pela Gestapo. Após o fim da guerra, é novamente nomeado professor em Groningen, e em 1951 retorna à Alemanha para ocupar uma cátedra

* Doutor em História pela Universidade de Colônia, Alemanha. Professor adjunto de Teoria e Metodologia da História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto

de sociologia e filosofia na Universidade de Göttingen. Em 1955 é eleito presidente da Sociedade Alemã de Filosofia e, apenas três anos mais tarde, presidente da Sociedade Alemã de Sociologia. Plessner morreu em 1985.

Discutem-se muito as razões da recepção tardia de seu pensamento, mas há consenso de que pelo menos três fatores contribuíram para isso: primeiramente, o fato de que muitos, erradamente, consideraram-no um mero continuador de Max Scheler, cuja obra *A situação do homem no cosmos* aparece no mesmo ano que *Os níveis do orgânico e o homem*; em segundo lugar o terremoto causado pela publicação em 1927 de *Ser e Tempo*, de Heidegger (autor de quem Plessner sempre se distanciou); e, finalmente, a sua longa ausência do meio acadêmico alemão.

Com a publicação de suas obras completas pela editora Suhrkamp, a partir da década de 1980, e a criação da Sociedade Helmuth Plessner, em 1999, uma atenção cada vez maior tem sido dada aos seus estudos nos campos da sociologia da cultura e da antropologia filosófica.

Aos poucos o grande público se familiariza com seu nome e dá-se conta de sua importância. No início na década de 1990, Gustav Seibt escreve na *Frankfurter Allgemeine Zeitung*: “Antes tarde do que nunca. Hoje Plessner deve ser lido”. Em sua coletânea de ensaios *Zeitschichten*, publicada em 2000, Reinhart Koselleck coloca Plessner no mesmo plano de importância de pensadores como Edmund Husserl e Karl Löwith, vendo nele um dos “mestres da história das idéias filosóficas”.

Dentre os nomes influenciados pelo trabalho de Plessner, figuram os dos sociólogos Peter Berger, Thomas Luckmann, Joachim Fischer, Hans-Georg Soeffner e Günther Dux, bem como os filósofos Odo Marquard e Elisabeth Ströker.

“O problema da monstruosidade” baseia-se numa conferência originalmente pronunciada em Biberach no ano de 1966, e sintetiza admiravelmente o pensamento do autor. Fugindo tanto à tentação de um naturalismo rasteiro – atualmente reavivado, mas não exatamente incomum à época em que forjou os conceitos centrais de sua antropologia filosófica – quanto de um culturalismo essencialista, este ensaio nos permite pensar, em suas bases mais profundas, a penosa atualidade daquilo que o próprio Plessner chamou de “as metamorfoses da infâmia”.